



Congresso promoveu saberes e práticas nos cuidados intensivos

NO ÂMBITO DO VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE CUIDADOS INTENSIVOS, DECORRIDO A 1 E 2 DE ABRIL EM MATOSINHOS, O PERSPETIVAS CONVERSOU COM O DIRETOR (FERNANDO RUA) E O ENFERMEIRO CHEFE (JOSÉ ANTÓNIO PINHO) DO SERVIÇO DE CUIDADOS INTENSIVOS DO CENTRO HOSPITALAR UNIVERSITÁRIO DO PORTO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE QUE SE REVESTE UM EVENTO DESTA NATUREZA PARA DIFERENTES AGENTES DO SETOR DA SAÚDE.

"Convocar os profissionais mais avançados", promover "a troca de impressões" e transmitir novo conhecimento científico, tendo em vista "o desenvolvimento do Serviço e uma constante atualização". É desta forma que Fernando Rua avalia as potencialidades daquilo que correspondeu a muito mais do que "um Congresso clássico dedicado apenas aos cuidados intensivos" e prossupôs – pelo contrário – uma lógica de interdisciplinaridade, englobando

"uma série de temáticas e pessoas que estão envolvidas no tratamento dos doentes críticos de todo o hospital".

Enquanto catalisadora de um sucesso que justificou mais de 2000 inscrições no evento organizado pela Associação de Apoio ao Serviço de Cuidados Intensivos do Centro Hospitalar Universitário do Porto (ASCI) em parceria com a Associação Portuguesa de Nutrição Entérica e Parentérica (APNEP), esta mesma interdisciplinaridade reveste-se de uma extraordinária importância. Efetivamente, perspectiva-se que, "no futuro, os hospitais terão maioritariamente doentes de Medicina Intensiva quer de Nível I, quer de Nível II (Intermédios)" – o que exige equipas devidamente adaptadas para tal –, à medida que os doentes menos graves tenderão a ser tratados essencialmente em ambulatório.

Por outro lado – e em paralelo à reflexão sobre temáticas e avanços como a utilização da ventilação não invasiva nos cuidados intensivos (uma área que sempre foi "muito querida" a Fernando Rua, tendo o nosso interlocutor sido pioneiro na sua implementação em contexto nacional) – antecipam-se dois gran-



Dr. Fernando Rua (Diretor do Serviço de Cuidados Intensivos do Centro Hospitalar Universitário do Porto)

Perspetiva-se que, "no futuro, os hospitais terão maioritariamente doentes de Medicina Intensiva quer de Nível I, quer de Nível II (Intermédios)" – o que exige equipas devidamente adaptadas (Dr. Fernando Rua)



Enf. José António Pinho (Enfermeiro chefe do Serviço de Cuidados Intensivos do Centro Hospitalar Universitário do Porto)

des desafios, no âmbito do nosso país. O primeiro corresponde à necessidade do "aumento do número de camas para cuidados intensivos" que ainda se revela "muito baixo nos hospitais portugueses". Efetivamente, "a percentagem do número de camas de doentes críticos tem aumentado exponencialmente na grande maioria dos Hospitais da Europa, mas em Portugal ainda não chegou ao necessário". Igualmente importante, todavia, é conseguir "o número suficiente de especialistas (em Medicina Intensiva) para ocupar as unidades de cuidados intensivos".

Refletir sobre a Enfermagem Intensiva

Falando em nome dos profissionais de Enfermagem Intensiva, José António Pinho sublinha, por sua vez, os benefícios de uma visão estratégica que procurou o valioso intercâmbio de saberes, experiências e inovações tendo em vista "discutir para conseguirmos alcançar a excelência padronizada". Não deverá, nesse sentido, constituir surpresa que o critério subjacente à escolha dos oradores convidados por este elemento da comissão organizadora tenha sido o valor das suas intervenções não numa componente teórica, mas na demonstração e partilha das melhores práticas profissionais.

Caracterizado por uma interessante abrangência de temáticas, o Congresso permitiu – a título exemplificativo – colocar a tónica em áreas como o controlo de infeção e a otimização dos registos a ele associados. Mas outro dos temas mais desafiantes foi a reflexão sobre "Que Enfermagem em Cuidados Intensivos: Liderança, Formação e Paixão", no seio da qual se discutiram alguns dos condicionalismos que se colocam ao exercício diário destes profissionais e de que forma é possível superar, em contextos de prática, essas mesmas limitações e, desse modo, conseguir liderar equipas devidamente motivadas. A pertinência em torno destas reflexões reforça-se numa conjuntura em que, tal como enfatiza o enfermeiro chefe, "temos uma unidade de cuidados intensivos com uma população muito envelhecida e paliativa, sendo necessária uma boa retaguarda para este tipo de doentes".

Mas se a realidade nacional atravessa um conjunto decisivo de novos desafios, importa recordar em que medida a partilha de sensibilidades profissionais entre congéneres portugueses e internacionais se tem assumido como bastante vantajosa. "Na área do intensivismo, temos – enquanto Serviço de Cuidados Intensivos do Centro Hospitalar Universitário do Porto – algumas parcerias com outros países e há imensa troca de informações e de resultados, bem como de procedimentos e atitudes", lembra José António Pinho. É precisamente este espírito de abertura que o Congresso procurou também reforçar, sempre com um objetivo ulterior: "melhorar os serviços prestados à comunidade e ao utente".

XXI Congresso da APNEP “valoriza a Nutrição”



A APNEP – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE NUTRIÇÃO ENTÉRICA E PARENTÉRICA ORGANIZOU, NOS DIAS 1 E 2 DE ABRIL, O SEU XXI CONGRESSO ANUAL. A INICIATIVA MERECEU A PRESENÇA DE MAIS DE 2.800 INSCRITOS, QUE PUDERAM ACOMPANHAR – AO LONGO DE OITO SALAS A FUNCIONAR EM SIMULTÂNEO – MOMENTOS INTERDISCIPLINARES DE FORMAÇÃO, PARTILHA DE EXPERIÊNCIAS OU DEBATE EM TORNO DAS GRANDES TEMÁTICAS DA NUTRIÇÃO.

Aníbal Marinho (Presidente da APNEP e do Congresso)



Na saúde é obrigatória a partilha dos cuidados num modelo inter e transdisciplinar. Esta é uma prática diária que todos conhecemos bem. A organização de conferências e simpósios por áreas específicas e dirigidas a determinados grupos profissionais é habitual.

Um desafio maior consiste em congregar um grupo de peritos para integrar uma comissão científica multidisciplinar que tem de estruturar todo um programa com cursos, simpósios, hot topics de interesse comum para todos os profissionais. Estruturar um programa de cinco dias nesta dinâmica não é fácil. Pensar num programa aliciante para estudantes finalistas, colegas mais jovens mas também onde os de-

canos se revejam e possam partilhar a sua experiência é um exercício difícil. Imaginem agora outro cenário. Conseguem idealizar três congressos em simultâneo durante cinco dias com vários cursos a decorrer ao mesmo tempo, com oito salas a funcionar em simultâneo, com 2914 participantes, com 320 preletores nacionais e internacionais? Todos a trabalharem juntos num mesmo período e num espaço comum?

Não é imaginação. Foi a realidade. Entre o Porto e Matosinhos, de 29 de março a 2 de abril de 2019, decorreu o “XXI Congresso Anual APNEP”, o “VI Congresso Internacional de Cuidados Intensivos”, e o “XVI Congresso do Arco IberoAtlântico”. Num modelo inovador convidámos enfermeiros, farmacêuticos, médicos, nutricionistas, fisioterapeutas, terapeutas da fala, psicólogos, assistentes sociais, administradores hospitalares, associações de doentes, entre outros a partilharem o seu know-how, a sua experiência e prática diária em diferentes áreas. Foram apresentadas as mais recentes inovações, as melhores práticas, o estado da arte em áreas tão diferentes como a saúde pública, os cuidados de saúde primários, a intervenção terapêutica em múltiplas patologias.

Foi uma associação feliz de três congressos num evento único. Quando os recursos humanos e económicos são escassos, temos que ser engenhosos. Um evento em que se rentabilizou o fim-de-semana, permitindo que um maior número de profissionais pudessem participar (abdicando do seu fim-de-semana e não reduzindo o já escasso n.º de profissionais no SNS), a participação gratuita aos membros das sociedades científicas, a rentabilização dos espaços no fim-de-semana que tem menor ocupação. Tudo. Tudo foi tudo pensado ao pormenor.

Obrigado a todos os que aceitaram este desafio. Sob o ponto de vista organizativo e científico este evento foi marcante e convidamos a pensar que com criatividade, competência, rigor e muito trabalho tudo é possível em prol dos doentes e dos cidadãos.

Lino Mendes (Secretário-geral da APNEP)

O Congresso foi muito abrangente – indo desde áreas como a Saúde Pública e a Nutrição Clínica aplicada a patologias muito específicas. Nessa perspetiva, o programa foi muito eclético. Penso que o objetivo base – se tivesse de encontrar uma frase – seria “valorizar a Nutrição”, ou seja, fazer com que os profissionais sintam que a Nutrição é muito importante para as diferentes áreas da Saúde. Tivemos a participação de médicos, enfermeiros, nutricionistas, farmacêuticos, psicólogos e administradores hospitalares para que todas estas pessoas pudessem – cada qual com o seu contributo – valorizar aquilo que é a Nutrição em prol do doente. Mas apesar de o Congresso ter sido bastante centrado na Nutrição Clínica, ele visava também o cidadão, pois é dele que falamos quando nos referimos à Saúde Pública.

Também tivemos a perspetiva de envolver os estudantes de diferentes instituições de ensino na área da Saúde e alguns dos cursos pré-Congresso foram dirigidos a finalistas do país inteiro. O nosso objetivo é motivar os estudantes, na fase final da sua formação em Saúde, para a relevância da Nutrição.



António Sousa Guerreiro (Presidente da Assembleia Geral da APNEP)

Uma reunião tão grande, como esta que a APNEP organizou, funciona como um motor importante para promover, a nível nacional, o interesse pela Nutrição e, mais particularmente, pela Nutrição Clínica. Esta tem sido aplicada, sobretudo, nos hospitais, embora também já em ambulatório. Mas, para isso, é necessária formação. Desde 2003 que vários estados-membros da União Europeia tomaram algumas atitudes a nível hospitalar, como é o caso da identificação do risco nutricional.

Neste momento, o Governo português prepara-se para implementar a identificação do risco nutricional e, por isso mesmo, é muito importante que os vários agentes da Saúde – médicos, enfermeiros, nutricionistas e farmacêuticos – estejam efetivamente ligados entre si. Está demonstrado que existem ganhos para as unidades hospitalares (no que diz respeito à qualidade do trabalho) se a identificação do risco nutricional for efetuada nos doentes. De facto, não é possível trabalhar em Nutrição se não houver interdisciplinaridade. Temos de trabalhar em equipa. Felizmente, os nutricionistas e médicos interessam-se cada vez mais por este assunto. Acho, no fundo, que o Congresso foi um bom estímulo.



Partilha de testemunhos em Congresso dedicado à Nutrição e aos Cuidados Intensivos

À MARGEM DO XXI CONGRESSO ANUAL DA APNEP E DO VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE CUIDADOS INTENSIVOS, O SUPLEMENTO PERSPETIVAS CONVERSOU COM ALGUNS DOS CERCA DE 300 CONFERENCISTAS E CONVIDADOS. PARA ALÉM DO BALANÇO A UM EVENTO DE INTERESSANTE ABRANGÊNCIA E RELEVO CIENTÍFICO, PARTILHAM-SE REFLEXÕES SOBRE ALGUNS DOS GRANDES DESAFIOS DO PRESENTE.

Pierre Singer (médico do *General Intensive Care Department e Institute for Nutrition Research no Rabin Medical Center, Hospital Beilinson, Israel*)

A minha sensação é a de que este Congresso permitiu demonstrar o quanto os portugueses estão interessados no tema dos Cuidados Intensivos e da Nutrição. As pessoas provaram que tinham interesse em aprender e também em reunir-se e fazer networking, discutindo os grandes tópicos em torno da Nutrição. De facto, esta tornou-se uma questão muito importante para todo o mundo, Portugal incluído, até porque a desnutrição é um problema que existe em todo o planeta e é bastante difícil de combater. Temos mais de 40% das pessoas em risco de desnutrição nos hospitais e muitas sofrem dela nas suas casas. Como tal, é muito importante que os especialistas, os administradores hospitalares e os elementos dos Ministérios se apercebam de que esta é uma questão essencial.

A grande mensagem que tem surgido nas investigações em Nutrição revela-nos que combater a desnutrição é economicamente vantajoso, porque para além de se fazer tratamento às pessoas, também se reduzem os custos associados à Saúde. Existe uma iniciativa a decorrer em todo o mundo e que está a juntar sociedades de Nutrição de vários continentes para se criar uma nova definição de desnutrição, que possa ser aceite por todos, que será submetida à Organização Mundial de Saúde. De resto, existem sempre novas técnicas, novas abordagens, novas publicações, novas discussões. Esta é uma área em constante desenvolvimento e isso é muito bom, porque mostra que as pessoas estão realmente interessadas nela.



Paulo Martins (Diretor do Serviço de Medicina Intensiva do Centro Hospitalar de Coimbra e antigo Presidente da APNEP)

Este é um dos Congressos-marca que existem em termos nacionais, no que diz respeito ao mundo da Nutrição. O facto de terem funcionado tantas salas em simultâneo traduz bem a vivacidade que a Nutrição suscita para os diferentes profissionais de saúde. Hoje, de facto, existe uma consciencialização muito maior para a necessidade do suporte nutricional dentro dos hospitais, resultado de um trabalho que foi sendo feito ao longo dos anos.

Mas ainda há coisas a fazer, como materializar um Diploma que permita trazer a Nutrição para fora das unidades hospitalares. Sentimos que os doentes, enquanto estão hospitalizados, são nutridos da forma adequada, mas quando regressam às suas casas não têm capacidade para fazer o suporte nutricional, que é caro e não é participado, o que



faz com que o trabalho de manter a massa muscular e a recuperação funcional se perde, depois da saída do hospital. A concretização deste Diploma é um dos anseios que a APNEP teve ao longo dos anos. É importante dizer à população e à estrutura governativa que a Nutrição não é um gasto, mas sim um investimento.

"É muito importante que os especialistas, os administradores hospitalares e os elementos dos Ministérios se apercebam de que a Nutrição é uma questão essencial" (Dr. Pierre Singer)



Paula Guerra (médica do Centro Materno Pediátrico do Centro Hospitalar de São João)

Aplico a Nutrição na minha prática clínica, através da assistência nutricional a crianças que estão internadas e que precisam de nutrição artificial – seja ela enteral ou parenteral. Mas também desenvolvemos um programa de Nutrição Parentérica no domicílio. Neste momento, já temos 16 crianças em domicílio, num total de 46. A Nutrição Artificial é uma área muito importante, porque permite que crianças que não conseguem comer adequadamente possam ser alimentadas – através da via digestiva com uma sonda nasogástrica, ou com uma gastrostomia ou através de um cateter central, permitindo que elas possam ter um bom estado nutricional, apesar de estarem bastante doentes.

As expectativas para o Congresso estavam muito elevadas. Foi muito importante porque pessoas de vários centros hospitalares vieram partilhar as suas experiências e o que tem acontecido nos últimos tempos. Há sempre muitas evoluções, nomeadamente na área da Nutrição Parenteral e da Insuficiência Intestinal, por exemplo. Por outro lado, hoje em dia fala-se muito sobre as nutrições parentéricas de formulação personalizada, o que contém vantagens e desvantagens, tanto em relação ao doente internado como o que está em ambulatório.



"É importante dizer à população e à estrutura governativa que a Nutrição não é um gasto, mas sim um investimento" (Dr. Paulo Martins)



José Júlio Nóbrega (Diretor do Serviço de Medicina Intensiva do Serviço de Saúde da Região Autónoma da Madeira – SESARAM)

Com uma reunião desta índole e dimensão, havia muito por que esperar. Os palestrantes muniram-se dos mais recentes avanços dentro da Medicina Intensiva, percorrendo um programa de variados temas e todos eles com muito interesse para a aplicação nos cuidados intensivos, como a ventilação não invasiva, nutrição artificial, técnicas de substituição da função renal, entre outros.

Foram temas muito pertinentes que deram a oportunidade de entrar em contacto com especialistas de cada área, permitindo que quem mais sabe pudesse dar formação. Informalmente, também se trocaram experiências sobre o que se faz em cada Serviço. Foi uma reunião muito importante, das maiores de cuidados intensivos em Portugal e foi uma honra ter sido convidado para marcar presença e falar sobre hipotermia terapêutica no doente crítico.

Jorge Daniel (Diretor do Programa de Transplantação Hepática do Hospital de Santo António) e Donzília Silva (Cirurgiã das equipas de Transplantação de Pâncreas e de Fígado do Hospital de Santo António)

Jorge Daniel: Tratou-se de um Congresso dedicado aos cuidados intensivos, que se liga bastante com o tema dos doentes transplantados, já que a transplantação não é possível se não houver cuidados intensivos. São duas áreas que estão completamente interligadas. A transplantação é algo que já existe em Portugal há mais de três décadas e é óbvio que tem havido uma atualização constante. As gerações vão mudando, mas a sensibilização da comunidade médica é uma atividade sempre em desenvolvimento contínuo. Só dessa forma se pode manter a atualidades destes programas.

Donzília Silva: Acho fundamental que num Congresso como este pudesse falar sobre a seleção de dadores de órgãos para transplantação. Foi um momento fundamental para focarmos uma das estratégias que temos para aumentar o número de dadores que, cada vez mais, é escasso. Ainda assim, no que toca ao panorama da transplantação em Portugal, penso que está ao nível dos melhores países, não só em termos de taxa de doação, mas também no que diz respeito aos resultados.



Acho fundamental que num Congresso como este pudesse falar sobre a seleção de dadores de órgãos para transplantação. Foi um momento fundamental para focarmos uma das estratégias que temos para aumentar o número de dadores que, cada vez mais, é escasso" (Dr^a. Donzília Silva)